



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Caixa do Comércio, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisbon • Telefone 5338 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

## O JAPÃO E A PRÓXIMA GUERRA

A classe capitalista que dirige os negócios do Japão é simultaneamente possuidora dos bens territoriais e dos bens imobiliários (oficinas, transportes, etc.). Apresenta-se à nossa observação quase que na mesma situação em que se apresentava a classe capitalista alemã antes da guerra. Ela tem, como esta, os seus grandes senhores e os seus capitães de indústrias. Por vezes, são os mesmos homens. As condições económicas são semelhantes, e, dadas estas condições, são também sensivelmente idênticas as condições psicológicas. Como consequência, a classe capitalista japonesa, apenas saída da era feudal, querer dominar a classe rural operária e os países vizinhos, para ter mercados para os produtos da sua nascente e crescente indústria. Este desejo de autocracia e de hegemonia chocam-se internamente com a classe operária e com a classe intelectual. Esta classe, proveniente, na sua quasi totalidade, da pequena nobreza e da burguesia — os artífices —, tem a consciência do seu valor. E', portanto, muito ciosa da sua autoridade para admitir a autocracia. As suas tendências são nitidamente democráticas e opõem-se francamente à classe dirigente.

A classe dos intelectuais, das profissões liberais, serviu de núcleo em volta do qual se agruparam as classes de fidalgos que pretendiam substituir-se no lugar ocupado por outras classes na direção dos negócios públicos. E estas classes de fidalgos, para se manterem à frente dos intelectuais e dos artífices, tiveram que adoptar tendências democráticas. Os operários, mal saídos da classe rural, mantidos até há pouco tempo na quase servidão, conservaram-se passivos durante muito tempo, como fôrças virtuais, mas ainda incapazes de se mostrarem. A classe rural, incapaz, como em toda a parte, de se agrupar, de se entender, por causa das suas próprias condições de vida, sofreu o jugo militar, sem franca resistência.

Mas com o desenvolvimento do industrialismo, modificaram-se estas condições. Este desenvolvimento provocou o aumento dos operários em número absoluto e relativo à classe rural, que era e continuará sendo o reservatório-fornecedor destes operários; provocou também o desenvolvimento da intelectualidade operária, a fim de satisfazer às condições da indústria, cuja necessidade de técnicos e de operários qualificados aumentava à medida da sua expansão. A classe operária, progredindo em número e em intelectualidade, vai aumentar as suas necessidades, o que deve, como consequência, sentir a necessidade de se unir, de se federar, a fim de representar um papel político. Nasceu então o Trade-Unionismo e o Socialismo. E rapidamente se desenvolveram, com uma velocidade maior, até o desenvolvimento da indústria.

A resultante de toda esta evolução social foi a classe dirigente do Japão constatar que o seu poder vacilava. Quere-o consolidar. E, por processos idênticos aos das classes similares do Ocidente, julga ser a guerra o meio mais apropriado. Pode-se perfeitamente assemelhar a situação actual do Japão à da Alemanha em 1912-1914. Os junkers da Prússia oriental e os capitães de indústria da Alemanha ocidental, para dominarem o socialismo que temiam, que pouco a pouco sentiam apoderar-se das massas, decidiram-se pela guerra. (Veja-se um notável relatório no *Livro Amarelo Francês*, publicado em 1915, relatório do qual citei as passagens características nas minhas *Ligações da Guerra Mundial*, capítulo X).

Actualmente o socialismo e o sindicalismo tomam, no Japão, uma extensão ameaçadora. As condições económicas são-lhes propícias. Durante o período de 1914-1918, o capitalismo japonês fez uma ampla colheita. Para satisfazer as necessidades do mundo em guerra, criaram-se novas indústrias e outras desenvolveram-se. O Japão mostrava-se como devendo vir a ser uma das maiores regiões mercantis do mundo. O governo subsidiou as companhias de transportes marítimos, com o fim de desenvolver a marinha mercante. As fábricas fabricam barato; os salários são muito baixos, de forma que a venda pode-se fazer por metade do preço do custo dos mesmos produtos do Ocidente. O comércio japonês poderá ser das marcas europeias e inundar o mercado chinês, sobretudo com mercadorias inferiores, com marcas europeias de boas mercadorias.

Desenhava-se como continua a subida da maré industrial e comercial japonesa, sobre oceano o armistício de Novembro de 1918, que foi o inicio dum profunda transformação. As exportações para o Ocidente, para os Estados Unidos, para a América do Sul, diminuíram, porque todos estes países podiam, mais ou menos integralmente, regressar aos trabalhos da paz. O valor do Yen estava acima do par, por terem aumentado as reservas de ouro durante a guerra mundial. A diminuição das exportações provocou uma crise que rebentou com violência em Abril e Maio de 1920. Fecharam fábricas, faltaram firmas e bancos. Foi necessário exportar o ouro para restabelecer o crédito. O abalo foi rude e ainda persiste. Os operários ficaram sem trabalho. Os salários mínimos foram ainda mais reduzidos. Deram-se greves, reprimidas naturalmente pela violência. Os governantes temem em toda a parte o culto da violência e particularmente nos países cuja evolução rápida diferenciou por forma nítida o estado político do estado económico. E também muito naturalmente, a política repressiva teve como consequência a expansão das tendências que pretendiam fazer abortar. Sindicais e socialistas alargaram-se sob formas diversas, em correlação com a mentalidade dos operários e rurais japoneses. E' um facto geralmente constatado em todos os países que os campões sofreram a influência do mundo operário na sua evolução político-social. O proletariado rural segue o mesmo processo do proletariado urbano, mas depois deste. O que é lógico, visto serem os campões e os resistentes o fornecedor do mundo operário.

As relações de parentesco, de costumes, de ideias são incessantes e intimamente entrelaçadas. Os dirigentes conservadores e reacionários são tanto ignorantes em sociologia e tanto pouco observadores que ainda se não perceberam deste fenômeno geral. Da sua falta de perspicácia resulta que a sua política é, por toda a parte, idêntica, pretendendo opos os campos às cidades. Um momentâneo sucesso confirmou-no no seu êxito. Não viram que esta oposição não pode deixar de ser passageira, existindo só durante o período de transformação da mentalidade camponesa, período encerrado pelos factos da guerra. A classe capitalista japonesa apercebeu-se disto ao ver o socialismo, sob uma forma comunista e religiosa, invadir os campos.

E' necessário pôr um dique a este movimento, operar uma sangria operária, impelir as energias religiosas para o culto da pátria, conquistar o mercado asiático expulsando dele os ocidentais e sobretudo os americanos; juntar à Coreia novas possessões na Sibéria oriental e nas costas destas, firmar o seu domínio sobre a política chinesa, de forma a impedir qualquer intervenção americana. Mas nada disto se pode fazer sem erguer o povo japonês contra o povo americano e contra o povo siberiano. E, portanto, avante a Imprensa! Ela excita o sentimento patriótico contra os americanos e contra os australianos, o patriotismo dos "amarelos" contra os "brancos". Isto é-lhe tanto mais fácil que, do outro lado do Pacífico, os dirigentes australianos e americanos usam iguais processos para sublevar a opinião pública dos "brancos" contra os "amarelos". Por outro lado a imprensa semeará o medo do Bolchevismo para justificar a política anti-russa, que desde a Revolução o governo japonês segue na Sibéria.

O governo não se tem preocupado com os seus aliados do Ocidente. Tem trabalhado só, pois não desconfere a impotência dos seus aliados, e tem actuado surrateiramente, de forma a poder negar os seus actos. E, dessa forma, desde Março de 1917 a 1920, lançou no continente asiático, na Sibéria e na Manchúria, mais tropas que as que enviou contra a Rússia czarina. Apoiou Koltschack, como os seus aliados ocidentais, fôrça-ló sem grande deseo no seu triunfo, preferindo suscitar e apoiar chefes locais que, como Samenov, mantinham no país um estado de desordem e de ruínas que teria como consequências, se, segundo pensavam, o ser o exército japonês acolhido como o salvador, quando viesse restabelecer a ordem. Como os siberianos, fortes e livres, entendiam que deviam ser senhores dos seus actos, como os coreanos imaginavam que os direitos dos povos a dispor dos próprios destinos não era uma simples farça enunciada com todo o ar de seriedade pelos dirigentes do Ocidente e endossada, com não menor seriedade, pelos dirigentes japoneses, produzirem-se rebeliões, tumultos, como os classificam os dirigentes, os quais foram reprimidos por uma forma sangüinária, à luz dos incêndios. O militarismo recorre em toda a parte aos mesmos meios de terrorismo, porque por toda a parte está impregnado da mesma mentalidade.

A política japonesa na Sibéria, para manter o círculo e arruinar as províncias orientais, usava processos políticos da mesma natureza, mas de forma diferente, na China. Necessitava apoderar-se do vasto mercado representado por uma população de mais de trezentos milhões de habitantes, que se entregam à agricultura. Esta política japonesa chocava-se com os interesses chineses, mas também com os dos bolcheviques russos e os dos dirigentes americanos. Mas estes últimos, ocupados noutras tarefas mais urgentes, opuseram uma fraca resistência, encarregando as próprias populações de resistirem por conta própria aos manejos japoneses.

Enquanto a imprensa japonesa se esforça em erguer as massas populares contra os Estados Unidos e contra os bolcheviques, o governo japonês intensifica os armamentos. Enche os arsenais de armas, de canhões, de tanks, de aviões, etc. Enche os armazéns de víveres, de arroz, de vestuários, porque encara a possibilidade de um bloqueio. Enche os seus portos de corajados, de cruzadores, de torpedeiros, de caça-minas, etc. E, segundo parece, atiçou-se de minas, toda a costa asiática do Mar de Bering. Conta ter, em 1926, uma marinha mais forte que a da sua aliada Gran-Bretanha, e quase tão forte como a marinha americana, que atingiu o seu poder máximo em 1925. Mas em cada ano que decorre este poderio aumenta e mais rapidamente que o da marinha japonesa, de modo que em 1922, 1923 e 1924 a supremacia naval pertencerá aos Estados Unidos.

Eis a razão porque é provável que a guerra em via de preparação, rebente num destes anos, se os povos, fatigados de matangas e de crimes, a não impedirem. Paris, Fevereiro de 1921.

*Augusto Henrique*

PREÇO 5 CENTAVOS

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NÃO  
APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Em Valência, cidade espanhola muito conhecida daqueles que nela vivem e ainda dos que atentamente a visitaram, produziu-se no dia 9 deste rigoroso mês de Fevereiro um acontecimento lamentável a todos os respeitos. Se é lamentável ou não os leitores o dirão, finda que seja a leitura deste relato despretensioso. Eu conto: Estava um velhote sentado ao borralho, fumando despreocupadamente o seu cigarro, talvez por entender que esta miserável condição da vida humana só tabaqueada de vez em quando se pode suportar. Nisto, veio o diabo e roubou-lhe o deleite, como vai ver-se. O lume do cigarro, sabendo lá porque satânicas influências, comunicou-se às vestes do ancião, facta tanto mais arraigante quanto é certo que também em Espanha o vestuário está caro. Podia com tudo ir-se o fato e fumar o corpo, porque do mal o menos. Mas quiz a persistência de Belzebuth que o fogo passasse do hábito ao monge, que é como quem diz, da roupa à carne. Restaram, segundo um telegrama que compungidamente acaba de ler, queimaduras graves no corpo da vítima. A epiderme ficou desta maneira destruída numa larga proporção. E a morte, em obediência a inexoráveis leis, veio libertar do fardo da vida, das preocupações deste vale de lágrimas, a alma já enterrada dum velhote que contava setenta e dois anos de permanência neste mundo, talvez nele encontrando só a consolação de fumar ao borralho o seu cigarro. Este facto não é inteiramente novo, pois certas reminiscências das leituras da minha infância me permitem citar aqui o caso dum príncipe austriaco, formoso entre as formosas, deslumbrante como jóia de raro fulgor, tódava de rendas preciosas, brancas como as cauetelas de três após o girar da roda — a qual princesa contraíra o vicio de fumar cigarros fortes, o que fazia-as escondidas, por mótis das obrigações pragmáticas. Num dia fatal, estava a princesa num recanto do palácio, preparando-se para acender o seu bêbedo. A voz da rainha sua mãe grita magestosamente lá de dentro: — "O Hermengard!" Tão perpétuado ficou a formosa princesa com o inopinado chamaamento que não atentou no facto de terido o fósforo amontoado, de chama alta, cair nos arrendados folhos dum das amplas mangas perdidas do seu vestido opulento. E nem eu sei de nojo como o contei: um momento, e já aquelas mimosas carnes, cubiquadas dos gentilhomens da corte, rechinavam sob a carícia mortifera das chamas... Este absurdo vício de fumar... Aqui me apraz fornecer aos que queriam combatê-lo, dois novos argumentos de cujo efeito é lícito esperar muitíssimo. Eu, cá por mim, não fumo desde ontem. Também, por uma curiosa coincidência, farte-me de procurar — e não consegui arranjar um onça de francês em parte nenhuma

Chamamos a atenção do público para os processos dubiosos de que as empresas se servem para desacreditar um movimento onde a justiça é flagrante. Ainda pelo facto de entre os trabalhadores de jornais se encontrarem aqueles que se viverem, trabalham durante o dia em qualquer emprego, e à noite, até altas horas, vão dar o seu esforço a uma empresa jornalística, pretendendo atacar: — os redatores, Mudaram de tática. Viram que nada conseguiam por um lado; atacam agora pelo outro.

Sempre estas empresas jornalísticas se saem com cada uma...

Os que aproveitam...

O Jornal, da manhã, de ontem, tentava, por todas as formas, provar que a greve dos trabalhadores de jornais era a meia dúzia de redatores... que arrastaram as outras classes para a miséria. Essas classes são os tipógrafos, os esteriotipadores, distribuidores de jornais, etc... E' destes que *O Jornal* tem dô.

Não devem os leitores ter esquecido que as mesmas empresas, na ânsia de se manter a discordia entre as classes em greve, — o seu objectivo máximo — diziam, há pouco ainda, lamentar a sorte de trabalhadores de jornais, que neste momento atacam: — os redatores, Mudaram de tática. Viram que nada conseguiam por um lado; atacam agora pelo outro.

Quanto aos que aproveitam...

O novo jornal

E' já depois de amanhã, que se inicia a publicação do novo jornal da tarde, que vai ser redigido por alguns rapazes que se viram obrigados a abandonar o trabalho nas redacções dos jornais de que faziam parte, e que prometem ser um jornal interessante, cheio de actualidade.

São seus directores os jornalistas Pinto Quartim e Norberto Lopes.

## A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNALIS

mesmo tempo, a condenação dos seus actos. Se estes redatores, para cobrir o deficit caseiro, se viam obrigados a recorrer a dois empregos, não seria isso uma consequência das empresas não pagarem aos seus redatores como as exigências da vida mandam?

Só agora, que um conflito existe entre os trabalhadores dos jornais e as empresas, que arrastaram as outras classes para a miséria. Essas classes são os tipógrafos, os esteriotipadores, distribuidores de jornais, etc... E' destes que *O Jornal* tem dô.

Não devem os leitores ter esquecido que as mesmas empresas, na ânsia de se manter a discordia entre as classes em greve, — o seu objectivo máximo — diziam, há pouco ainda, lamentar a sorte de trabalhadores de jornais, que neste momento atacam: — os redatores, Mudaram de tática. Viram que nada conseguiam por um lado; atacam agora pelo outro.

Quantos aos que aproveitam...

O novo jornal

E' já depois de amanhã, que se inicia a publicação do novo jornal da tarde, que vai ser redigido por alguns rapazes que se viram obrigados a abandonar o trabalho nas redacções dos jornais de que faziam parte, e que prometem ser um jornal interessante, cheio de actualidade.

São seus directores os jornalistas Pinto Quartim e Norberto Lopes.

No Oriente

As operações das tropas francesas

PARIS, 12. — As tropas francesas acabam de alcançar importantes êxitos no norte da Síria.

O general Lamotte e o coronel André apoderaram-se de Aintab, cercada desde Março último, cujos defensores kemalistas capitularam, aceitando as condições do comandante francês.

PORTO, 10.—C. — A greve das classes fluviais e marítimas do rio Douro e Leixões prossegue sem alterações de espécie alguma. Nada tem feito assustar os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças das autoridades, nem os preparativos bélicos que se estão fazendo, patrulhando as margens com contingentes da guarda republicana, polícia, etc., e colocando-se a bordo forças da mesma tribo. Com o fim de atomizar as autoridades fluviais, estabelecidas na boca do rio, os grevistas: nem as ameaças

## Os livros e os autores

*Os que se divertem, por Luzia*

Numa péssima edição de papeleria surge-nos esta interessantíssima comédia da vida da sociedade de bom tom, escrita por uma senhora que a conhece admiravelmente por dentro e por fora. Antes de sabermos quem era Luzia, hesitámos se seria realmente estreia literária dum dama ou *jumisserie* de qualquer consagrado das letras, embora só um espírito de mulher pudesse com tanta infinita e preciosas arte colher em flagrante certos aspectos íntimos do *sob* e do coquetismo feminino. Na *loja de chapéus c. Uma escrava do chic* denotam evidentemente, na *étagage* encantadora de lindas misteriosas e futilidades encantadoras uma mão nervosa fina e coquette de mulher.

Pertence *Os que se divertem* a um gênero de literatura quasi inédito entre nós, apenas o humorismo de Aníbal Soares tendo passado, aqui e ali, a azar brilhante do seu talento e da sua graca. A invasão da alta sociedade pelos *parvenus* novos-ricos é soberbamente apresentada por Luzia no episódio cómico *A educação de Marquinhos*. No fundo a obra é realmente essa tristeza que faz rir e esse comique que faz pleurem de Mirebeau.

Todos os belos trechos de *Os que se divertem*, quadros deliciosos de ironia subtil e delicado humorismo e espejo das frivolidades de coração e do espírito da haute bourgeoisie, seduzem e interessam o espírito do leitor e mostram que a autora, embora mulher do *mond* tem a inteligência desempenhada para lhes criticar os pôdes, e talento e sentimento mais que suficientes para escrever coisas como esse *Duello* que é com a sua amarga e dolorosa ironia do melhor que o livro tem... e do melhor que é possível fazer-se!

*O Estatuto dos Povos, por Basílio Teles, livraria Moderna, Porto, 1920.*

O notável publicista Basílio Teles critica neste novo livro o da Liga das Nações que pouca confiança lhe mereceu, como a nós. Segundo o eminentíssimo escritor, a Liga do Wilson se conseguiu com alguns retoques ser viável e prestar alguns serviços oportunos na desordem do post-guerra, não era todavia construção que podesse competir com um vasto plano de reconstrução completa, tal como Lénine concebeu e a revolução o tem procurado executar.

O Pacto da Liga não é nem podia ser um código social reformador, por teria logo contra si o voto unânime das classes conservantistas, por consequente dos governos que são hoje quasi se único órgão.

*Sol de Outono, versos por Artur Ives, Livraria Portugália, Lisboa.*

Composições simples e ingênuas, impregnadas do idealismo vago da mocidade amorosa e cheia de sonhos.

São os primeiros versos com suas insinuações e hesitações que o crítico benevolamente absolve na expectativa de que com a experiência e uma melhor formação da arte o poeta modela mais firmemente e mais esteticamente a sua inspiração.

*Amar! Sofrer! versos de José Forbes Costa, Companhia Portuguesa Editora, Porto.*

E' na primeira parte do livro constante de sonetos que melhor se revelam, a nosso ver, as qualidades poéticas do autor. Sem serem finamente modelados nem primarem por uma gran-

de originalidade, ha contudo sonetos bons, com inspiração e elan. A *Lavadeira*, premiado num certamen, é realmente belo e certamente o melhor da obra. Da segunda parte do livro não podemos deixar de destacar as traduções esmeradas de versos de Heredia, Verlaque, Thearieret e Geraldy.

*Coisas, contos e novelas, de Alexandre Tomás, Porto, 1919.*

O autor na sua apresentação ao "respeitável público" definiu a sua obra escrita em linguagem sobria e sem grande exuberância de estilo, certas põezias de bate que lhe extravazaram do peito em dias de vagar e de chuvia, e as fantasias que arquitetou em sonhos, de papo para o ar, à proa do seu barco. Gostamos, entre outros, dos contos *Maria da Graça, Um cancro e Fraqueza da carne*.

*Suspiros de alma, por Horácio Ribeiro.*

Numa bonita e bem cuidada edição dada-nos o sr. Horácio Ribeiro excelentes pensamentos que se inspiram em geral nos versos dos nossos melhores poetas, postos em guisa de lemas no limiar da prosa do autor.

*Falemos da guerra, por Theófilo Sagres, Lisboa.*

É um opúsculo sobre o desastrosíssimo assunto da guerra. O sr. Sagres diz com profunda razão e justiça, que a vida é um mar sem fim, onde navegam todas as tonelagens, no qual desenvolvemos a nossa actividade consoante as nossas forças.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

## O Metalúrgico

A classe dos operários metalúrgicos é das que mais se tem salientado na boa vontade e energia empregadas no sentido de tornar a sua organização forte e poderosa. O que tem feito em matéria de instrução é já apreciável. Na sua organização interna também os seus esforços não são para desprezar. Ultimamente as atenções convergem para o próximo congresso das classes metalúrgicas, que, estamos certos, tra- mas triunfos para a causa operária.

O aparecimento do número único dum jornal dessa classe enche-nos de orgulho. *O Metalúrgico*, que temos com interesse, trata dos assuntos mais importantes que neste momento se apresentam aos operários da indústria e desenvolve, tanto quanto é possível à exiguidade do jornal, os assuntos que naturalmente serão largamente desenvolvidos no próximo Congresso.

Regojizamo-nos com a aparição do *Metalúrgico*.

*O Metalúrgico* deve ser hoje distribuído grátis aos sindicatos pelos respetivos cobradores.

A sua venda, avulso, que se faz na sede do sindicato, é de \$05.

## TEATROS & CINEMAS

### Recitamos

A reprise de *Os Velhos*, ontem realizada no Nacional, atraiu ao elegante teatro uma enorme concorrência, que, é verdade, não é de estranhar, quando se considera que é um mar sem fim, onde navegam todas as tonelagens, no qual desenvolvemos a nossa actividade consoante as nossas forças.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não ofende os ouvidos mais castos.

No dia 15 efectua-se a festa do simpático actor Mário Campos. No dia 16 é a récita do estimado Ataíde e pelo Dr. Carlos Silva e a seguir a *reprise* de *Os Velhos*, que é um espetáculo consagrado pela crítica a inteligência e espírito.

Continua a *Gente chic*, no Politeama, a dizer curiosas e interessantes. É a peça de maior graça da temporada e não